

# FORA DA CAIXA

MARGARIDA CORDO

Era, já em menino, um rapaz cheio de sonhos. Afetivo, espontâneo, “a descoberto” face ao mundo real. Mas foi em frente.

O que o moveu? Não sei. Não consigo imaginar, mas se-guiu. Talvez possa esclarecer quem lhe é próximo se, tam-bém para esses, não for um enigma.

Aparentemente não está preparado (e ainda bem) para o que hoje em dia é mais fácil e mais evidente – viver das aparências.

Descobriu que o que sabia e o que queria e o que gostava e o que ... era fazer música; descobriu que não se queria prender; descobriu que não se incomodava se agisse “fora da caixa”; descobriu que podia “rebentar” com as expec-tativas dos outros. Aliás, preferia ignorá-las.

Descobriu imensas coisas. Tornou-se sábio, talvez pelas circunstâncias que a vida lhe impôs. Na sua simplicidade, soube gerir a agressividade dos contextos porque sim-plesmente a desprezou, sem nunca agredir, apenas como gesto de coração. Colocou-se muito acima sem nunca ser arrogante.

Não fez de super herói, achando até que, rapidamente, ia cair no esquecimento e tocaria e cantaria por aí, como gosta, quer e sabe.

Passou a ser e a falar e a agir sem vergonha, sem medo, sem pré-fabrico feito de retoques, sem gestos convenientes e sem estereótipos obedecidos.

O seu olhar próximo e distante é um profundo desafio. Co-munica sem vergonha, mas com a timidez dos seres su-periores que nunca deixam de ser humildes, mesmo sem saberem que o são. Está-lhes no ADN.

Genuíno e corajoso, apesar de parecer frágil;

Forte na humanidade, porque toda ela é vulnerável. Mui-tos é que não sabem isso;

Alegre e triste na proporção daquilo em que vai “trope-çando”;

Não. Não o conheço mais do que todos os distantes o conhecem, mas é assim que o vejo, que o sinto, que me apetece descrevê-lo – embaixador de Portugal através da arte de fazer música e de a cantar.

Interventor sem medo de falar simplesmente de amor; desprovido de capas e recheado de bons devaneios.

Modelo de atuação, no seu trabalho, na sua arte, nas rela-ções, na vida. É isto que faz falta. É disto que precisamos. Pierluigi Marchesi<sup>1</sup> falou exatamente do que é imprescindível que nunca se esgote, seja qual for a nossa ação – «Coragem de ser testemunho, de ser antecipador, de ser gente que procura.».

É assim que também Salvador Sobral pode ser descrito: o homem que noutra cantiga menos conhecida (ainda) do que a que levou ao festival da Eurovisão neste ano de 2017, disse: «não fazes favor nenhum em gostar de alguém.»

É para isto que existimos e é por isto que faz sentido des-montar o estigma, como desafio, sobretudo, a favor da-queles para quem trabalhamos, de algum modo, em psi-quiatria e saúde mental.

Na realidade, quando este número da revista for editado, talvez isto que comento tenha já começado a passar ao es-quecimento. Aliás, quando escrevo, já quase só há silên-cio. No entanto, como o tema é eterno e não merece cair assim, aqui fica o avivar da sua memória. ■

<sup>1</sup> Irmão de S. João de Deus italiano, que chegou a ser Superior Geral da Ordem Hos-pitalreira e que antecipou a Hospitalidade Rumo ao Ano 2000, tendo escrito um livro exactamente com este título.

